

Igreja Católica e bairros operários no Recife, 1902-1940

Catholic Church and Working-Class Neighborhoods in Recife, 1902-1940

Dirceu Marroquim*

Resumo: O final do século XIX legou mudanças significativas na forma como a Igreja Católica passou a se organizar no Brasil. Com a separação formal do Estado e a ampliação da autoridade romana na esfera local, da relação dos padres, da Igreja e sua doutrina, com os trabalhadores. Este artigo procura entender a presença dessas pessoas nos “bairros operários” da cidade do Recife, conectando suas experiências às diretrizes do Vaticano, assim como os seus pontos de convergência dentro de um projeto de Igreja Católica. Nesse sentido, procuro investigar as formas de atuação por parte das autoridades eclesiásticas, as associações religiosas espalhadas pela cidade, assim como os desdobramentos de algumas dessas ações. Como fonte utilizo majoritariamente uma documentação que abarca o recorte temporal aqui escolhido, que são atas de diversas associações católicas, livros de tombo de paróquias, crônicas deixadas por religiosos, além de jornais católicos e leigos. Pretende-se, assim, construir uma interpretação, com fontes pouco estudadas, sobre a atuação e presença dos representantes da Igreja Católica nos bairros operários de uma grande cidade.

Palavras-chave: Igreja Católica; bairros operários; Recife-PE.

Abstract: In the late 19th century, they changed how the Catholic Church began to organize itself in Brazil. With the formal separation of Church and State and the expansion of Roman authority in the local sphere, the relationship between priests, the Church, its doctrine, and workers evolved. This article seeks to understand the presence of these individuals in the “working-class neighborhoods” of the city of Recife, connecting their experiences to the Vatican’s directives and their points of convergence within a Catholic Church project. In this sense, I aim to investigate the

* Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2011) e mestrado em Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2015); doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, atuando na área de História das Religiões e das práticas religiosas. E-mail: dirceu_marroquim@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8451-6239>.

actions of ecclesiastical authorities, the religious associations spread throughout the city and the developments of some of these actions. The primary sources are documents covering the chosen time frame, including minutes of various Catholic associations, parish logbooks, chronicles left by clergy, and Catholic and secular newspapers. The goal is to construct an interpretation, using little-studied sources, about the actions and presence of Catholic Church representatives in the working-class neighborhoods of a major city.

Keywords: Catholic Church; Working-Class Neighborhoods; Recife-PE.

Introdução

EM UMA CRÔNICA escrita provavelmente na primeira metade dos anos de 1930, o frade alemão Casimiro Brochtrup escreveu: “desde 1918 levei a minha vida de sacerdote em pregar missão e acompanhar os senhores Bispos em visita Pastoral.”¹ E, já no Recife, em 1924, após passar seis meses pregando missões no Crato (CE), sentiu “como uma inspiração do céu”,² e esta centrava-se no fato de que não deveria mais atuar sertões adentro, “onde o povo mostrava tanta fé”, mas “procurar os pobres trabalhadores do Recife, que morando em mocambos estavam completamente abandonados espiritualmente e no perigo de perder a fé católica, por aí se viam perseguidos pelos pregadores nova-seita”.³ Esse abandono, para o frade, estava untado em dimensões que iam além da preocupação com o estado do pauperismo da população, do mocambo propriamente dito, no qual parte dos habitantes do Recife se encontrava, mas possuía elementos que diziam respeito às questões consideradas relevantes pelo sacerdote e pelo Vaticano.

Em 1925, entre o estio das missões e a permanência na capital pernambucana, frei Casimiro foi “chamado para confessar um pobrezinho operário no bairro do Cordeiro e tendo-o encontrado numa união ilícita com uma mulher com que [sic] tinha quatro filhos e procurei-o casar com a mesma criatura”.⁴ Em sua narrativa, o frade continuou informando que, não havendo obstáculo para realizar a cerimônia, pediu que “arranjassem algumas pessoas como testemunha e uma pessoa me dirigiu: ‘Padre, aqui nesta rua todos são adeptos das novas seitas’”.⁵ E encerrou a cena dizendo: “Estas palavras me cortaram o coração e com mais insistência ouvi a voz de Deus no meu interior – Decide-te a zelar os pobres operários do Recife!”.⁶ Segundo o religioso, essa voz, ou inspiração, “tão viva tornou-se uma preocupação”, fazendo-o procurar se “informar sobre o estado espiritual deste

1 BOCHTRUP, Casimiro. **Crônica da Missão de S. Sebastião da Macaxeira**. Manuscrito, v. I, p. 3. Arquivo da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil.

2 Idem, v. III. Na versão I do manuscrito não consta a informação “espiritualmente abandonados”.

3 Ibidem. A categoria nova-seita serve para identificar majoritariamente grupos evangélicos, provavelmente os pentecostais, que passavam a atuar nas áreas periféricas dos centros urbanos.

4 Ibidem. Na versão I e II não aparecem a menção ao “operário”, o homem é tratado apenas como “pobrezinho”.

5 Ibidem.

6 Ibidem.

povo, morando nos bairros operários do Recife”.⁷ No ano seguinte, no mês de dezembro, o frade iniciaria a sua obra social na cidade.

A história da “inspiração divina” percebida pelo sacerdote tem suas raízes, assim como os adversários que gradualmente ele optou por enfrentar. Os contextos temporais nos quais ele vivia, imerso em debates que destacavam os mundos do trabalho como centrais nas preocupações da Igreja Católica, a partir do final do século XIX, o tornavam participante de discussões mais amplas que o envolviam como indivíduo. A presença difundida de ideias em constante transformação, assumindo diferentes significados ao longo do tempo, juntamente com as mudanças na liderança papal que influenciavam a trajetória teológica da Igreja Católica, compunham o pano de fundo. A jornada de frei Casimiro, embora relevante no texto, não é o ponto central da narrativa; entretanto, auxilia na compreensão dos desafios enfrentados por muitos sacerdotes naquela época.

Nesses termos, procuro analisar aqui as formas de presença e atuação de alguns representantes da Igreja Católica em meio aos bairros habitados majoritariamente por trabalhadores e trabalhadoras. Desde as estratégias institucionalmente concebidas e coordenadas que conectam o Vaticano ao Recife, às ações pontuais que habitam as agências desses religiosos. Desse modo, essa é uma narrativa contada a partir dos relatos dos agentes eclesiais, trabalhadores da Igreja, e com registros produzidos por eles, ou com as suas anuências, e não dos trabalhadores e trabalhadoras que moravam nas paróquias. É um olhar de dentro para fora, embora ocasionalmente possamos ter uma ou outra narrativa que o desloque.

Optei propositadamente por não centrar meus esforços nos acontecimentos em Pernambuco, que foram exceção no Brasil, como a Federação Operária Cristã, de Camaragibe.⁸ Optei por examinar narrativas menos conhecidas, não excepcionais, que contribuem para a compreensão das atividades cotidianas e mantêm uma continuidade dentro do território. Assim como acompanho as discussões oferecidas pelas fontes, inclusive seus silêncios. Um exemplo disso é a escassez quase total de referências às greves operárias em Pernambuco entre 1917 e 1919, bem como a significativa ausência de reflexão sobre o socialismo no início do século XX e, posteriormente, o comunismo. Embora haja um intenso debate em torno da posição da Igreja Católica no I Congresso Católico de Pernambuco, em 1902, e nos anos subsequentes, a discussão específica sobre o comunismo só surge nas fontes consultadas a partir dos anos de 1930. Nesse sentido, optei por examinar minuciosamente as referências documentais apresentadas no conjunto de documentos consultados.

⁷ Idem, p. 1.

⁸ A esse respeito ver: AMARAL, Deivison G. A corporação cristã em perspectiva transnacional: interações e transferência entre as organizações católicas para trabalhadores de Camaragibe (Brasil) e Val-des-Bois (França). **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 11, 2019.

Historiograficamente, Deivison Amaral e Larissa Corrêa apontam no texto *O catolicismo e os mundos do trabalho* para o silêncio da historiografia em relação à religião dos trabalhadores. É como se essa faceta fosse obnubilada em detrimento de outros temas, igualmente relevantes, e quase sempre interseccionais, que ganharam uma maior atenção no decorrer dos anos, sobretudo as reflexões acerca das relações raciais e de gênero, multiplicando e complexificando as análises centradas nos mundos do trabalho. Nesse sentido, assinalam a necessidade da ampliação de estudos sistemáticos que reconheçam que a religião “é parte da identidade de classe, influencia as escolhas de trabalhadores e trabalhadoras e, portanto, integra a própria experiência de classe”.⁹

Desse modo, é preciso atentar-se para uma produção historiográfica que navega de flancos abertos no intuito de entender os silêncios, aproximações e distanciamentos decorrentes das relações de crença na vida cotidiana de trabalhadores e trabalhadoras, procurando aproximar o binômio Igreja Católica e mundos do trabalho. As reflexões que farei aqui visam contribuir com o esforço de dezenas de pesquisadores e pesquisadoras que produziram sobre essa relação, incluindo Corrêa e Amaral, mas também Jesse Jane de Souza, Guilherme Arduini, Astor Dihel, entre outras pessoas.¹⁰ As linhas aqui desenvolvidas procuram contribuir esse complexo debate.

Assim, procuro fazer uso de uma documentação parcialmente explorada na historiografia sobre o tema, no intuito de captar narrativas que atravessam o cotidiano de trabalhadores, trabalhadoras e das suas famílias, dentro de espaços de sociabilidade que têm a religião como eixo aglutinador. Para tanto, me vali sobretudo de livros paroquiais, de crônicas elaboradas pelos religiosos e, em menor escala, de associações leigas, que eram dirigidas por sacerdotes e incorporadas às atividades daquela instância de administração eclesial.

Com isto, lanço aqui um duplo movimento. De um lado, procuro escapar do visgo tentador de explicações mais generalizantes, egressas dos grandes movimentos católicos de princípios do século XX, para circular por entre as ações de sacerdotes junto aos seus paroquianos, fugindo, tão logo seja possível, da esfera das altas cúpulas diocesanas. Do outro, associado ao movimento anterior, procuro reforçar a importância da *dimensão paroquial* como uma escala fundamental para se entender as ações da Igreja Católica em seus territórios de atuação, especificamente centrado nas áreas atribuídas de bairros operários,¹¹ embora documentalente existam outras, foram mencionados os bairros

9 AMARAL, Deivison; CORRÊA, Larissa R. O catolicismo e os mundos do trabalho: projetos e práticas no associativismo e circulismo católico. In: FREIRE, Américo; AMARAL, Deivison; SYDOW, Evanize. **Religião e democracia**: desafios contemporâneos. São Paulo: Alameda/Faperj, 2022. p. 113.

10 Ver: AMARAL, Deivison. **Catolicismo e trabalho**. Curitiba: Appris Editora, 2019. SOUZA, Jesse Jane Vieira de. **Círculos Operários**: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Faperj, 2002. ARDUINI, Guilherme Ramalho. **Os soldados de Roma contra Moscou**: atuação do Centro Dom Vital no cenário político e cultural brasileiro (Rio de Janeiro, 1922-1948). 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, São Paulo, 2014.

11 A atribuição que me refiro aqui foi feita por Josué de Castro em seu *As condições das classes operárias no Nordeste*, originalmente publicado em 1932. CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. São Paulo:

da Torre, de Santo Amaro e da Encruzilhada. E, nesse sentido, apesar de todas as transformações teológicas e sociais, esta é uma história das continuidades. Das devoções centenárias que lentamente vão ganhando novos contornos nas palavras dos sacerdotes, cujas ações se desenrolam na complexa e árdua lida diária nas suas paróquias.

Por fim, dividirei este texto em três tópicos distintos, excetuando-se a introdução e as considerações finais. O primeiro intitulado de *Entre Roma e o Recife: caminhos de uma doutrina*, que tem como intuito debater a relação entre as transformações político-eclesiais da Igreja Católica e o rebatimento disso na capital pernambucana. No tópico seguinte, *Associações leigas em bairros operários: mobilizações sociais e efemérides*, que abordará a partir dos livros de ata e de tomo as formas de aglutinações sociais católicas e a tentativa de trazer para perto de si certo protagonismo na vida cotidiana desses espaços. O último tópico será *Santas Missões: as capelas e os cruzeiros*, no qual analisarei essa forma de celebração e as formas de atuação da *Missão Permanente* do sítio da Macaxeira, a cargo do frade franciscano que inicia este texto. Nesse sentido, é possível sugerir caminhos complementares às relações entre os mundos do trabalho e a Igreja Católica.

Entre Roma e o Recife: caminhos de uma doutrina

Estava assim oficialmente inaugurada a teia sutil, penetrante, indireta, por onde se mingua ainda mais a algibeira dos pobres. Estava assim criado, descendo de Roma, através dos bispos e dos padres, através da zeladora, de d. Ignez, da filha e da própria mulher, o polvo sugador, penetrando sorrateiramente na algibeira herege de Antônio Gonçalves.¹²

A NARRATIVA ACIMA foi escrita pelo então vereador da capital pernambucana, eleito pela “Trabalhador ocupa teu posto”, Chagas Ribeiro, e foi publicada originalmente em 1936. No contexto em que aparece a citação, o autor afirmava o quanto a Igreja Católica tinha a capacidade de penetrar na casa das pessoas, mesmo as mais desvalidas, e colocar em movimento uma sofisticada engrenagem que conectava a vida de um trabalhador, tipógrafo e comunista, ao Vaticano. Era a tentativa de mostrar uma presença silenciosa, mas eficiente, de uma instituição que servia, antes de tudo, para “ludibriar” a família do trabalhador.

O texto feito, segundo o autor, para demonstrar “que já se pode, entre nós, tentar a publicação do romance proletário, escrito pelo próprio proletário”,¹³ conta a história de Antônio Gonçalves, um tipógrafo que defendia as pautas sociais, a luta dos trabalhadores e as desventuras de sua existência. Na cena em questão, a filha do protagonista havia entrado para a Associação das Filhas de Maria, ou um “batalhão de fanáticas [...] todas de branco e com fitas azuis”, como se referia o protagonista da trama. Ao mencionar essa “teia sutil”, Chagas Ribeiro colocava em evidência algo que é muito caro ao presente

Ed. Brasiliense, 1959.

¹² RIBEIRO, Chagas. **Mocambos**. Recife: Ed. Mozart, 1936. p. 73.

¹³ Idem, epígrafe.

texto: o argumento de que a Igreja Católica estava presente no cotidiano das famílias dos trabalhadores, algumas vezes de maneira mais evidente, outras de modo mais discreto. O que não passava necessariamente apenas pela Doutrina Social da Igreja, ou pela *Rerum Novarum* (1891), mas ocupava diferentes formas de atuação da própria sede do catolicismo. O fato é que as impressões narradas por Chagas Ribeiro, através de Antônio Gonçalves, não estavam totalmente desassociadas das próprias diretrizes desenhadas do Vaticano para os seus territórios de atuação.

Como bem observou Jesse Jane Vieira de Souza, a Igreja Católica, “na condição de corpo místico, construiu um determinado princípio teológico – e uma práxis – a respeito do trabalho, visto como principal problema da sociedade moderna industrial”. Nesses termos, alinhada aos debates feitos por Roberto Romano, ela entende esse “corpo”, dotado de “coerência própria”, definida tanto por Souza quanto por Romano, de “projeto teológico-político”. E complementa que tal projeto deve ser interpretado dentro da própria “tradição teológica da Igreja, que se move no tempo com sentido de permanência e que incorpora à sua tradição doutrinária os novos desafios impostos pelo temporal”.¹⁴ Nesses termos, é fundamental mirar para os movimentos do Vaticano e perceber que as suas lógicas locais, apesar das diferenças, obedecem a diretrizes semelhantes que as conectam. E é isto o que pretendo apresentar neste tópico, de que as impressões de Chagas Ribeiro não estavam por completo desassociadas de uma prática social da Igreja Católica naquele cenário.

A transição dos oitocentos para o século XX trouxe transformações significativas tanto no âmbito da Igreja Católica quanto na vida administrativa brasileira. Se, de um lado, o catolicismo social foi consolidado institucionalmente por Leão XIII, por outro, no Brasil, o sistema político havia sido alterado. A República, fruto do golpe de 1889, deixara como legado uma separação formal entre Igreja e Estado e os desafios decorrentes disso. Colocava em movimento uma série de transformações advogadas pelo Vaticano, impossibilitada parcialmente pela conformação jurídica anterior.

É preciso, inicialmente, considerar que a construção sistemática de um olhar mais acurado para os desafios da Santa Sé em direção à América Latina já era uma realidade naqueles anos. O que já se refletia em âmbito local pela fundação do Colégio Pio Latino-Americano, em 1858, por Pio IX, com o intuito de formar sacerdotes prontos para falarem pela Igreja, fortalecendo o seu papel institucional através das figuras dos padres formados muito próximo do Vaticano. O próprio Concílio Plenário Latino-Americano,¹⁵ de 1899, que

14 Todas os trechos citados nesta página foram retirados de: SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. p. 25. Ver também: ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado**. São Paulo: Ed. Kairós, 1979.

15 Ao Vaticano, de acordo com pesquisador Diego Piccardo, foram nove prelados brasileiro, sete argentinos, quatro peruanos, três chilenos, um uruguaio, além de religiosos de várias outras localidades. Na sessão final, D. Jerônimo Thomé da Silva, arcebispo primaz do Brasil, fez uma oração e pronunciou algumas palavras sobre os dias de trabalho do Concílio, cujo resultado “redundará na prosperidade da religião nos nossos países, com um maior aproveitamento das almas e engrandecimento dos institutos católicos, em conformidade e observância da disciplina eclesial”, além disso, “consequimos promulgar [...] leis e decretos saudáveis e uniformes” para a atuação da Igreja Católica na região latino-americana. PICCARDO, Diego R. **Historia**

talvez tenha sido o mais importante instrumento de construção de uma unidade comum de atuação da Igreja Católica para a América Latina, foi uma estratégia para ditar os caminhos de atuação que se traduziam no território. Os impactos sentidos em várias partes do orbe católico do continente diluíram-se ao longo do século XX de maneira continuada.

Nessas transformações estava inclusa uma expansão territorial em direção às áreas periféricas das cidades, associada às mudanças importantes operadas na organização administrativa da Igreja na América Latina como um todo. Vide a criação de novas unidades de administração eclesiástica, como as que aconteceram simultaneamente, em 1900, por exemplo, no México, que ganhou sete novas dioceses; no Peru, foram quatro novas unidades; no Chile e na Venezuela foram duas dioceses em cada país. Sem contar com o crescimento no Brasil onde, entre 1890 e 1930, foram criadas 56 dioceses, 18 prelazias e três prefeituras apostólicas.¹⁶ A nova configuração é classificada por Lisa Edwards como uma “redistribuição das responsabilidades de uma maneira mais racional e eficiente”.¹⁷ Ao mesmo tempo em que a quantidade de paróquias também se ampliava, era a tentativa de intensificar a presença no território e toda a complexa rede de sociabilidades implicada na implantação de uma paróquia.¹⁸

Os ventos do Vaticano, egressos do Concílio Plenário Latino-Americano, já batiam da diocese de Olinda desde muito cedo e com todas as implicações decorrentes disto. Em junho de 1902, o 1º arcebispo de Olinda D. Luiz Raymundo de Britto realizou a abertura do I Congresso Católico de Pernambuco. Evento realizado na esteira do Congresso Católico Brasileiro, ocorrido dois anos antes, e que tinha como uma de suas diretrizes a realização dos encontros regionais. Um dos eixos de trabalho estava dedicado às Obras de Ação Religiosa e estavam aí inclusas conferências e resoluções a respeito de movimentos leigos e a sua participação na vida católica, o combate ao protestantismo e a necessidade de reflexão sobre o culto público, as romarias e peregrinações.

No discurso e nas proposições feitas pelo monsenhor Marcolino Pacheco do Amaral, o vigário-geral do bispado, sobre o Apostolado da Oração,¹⁹ fez questão de pontuar a origem da devoção e citou as palavras do então papa Leão XIII, ao afirmar que Apostolado já se fazia presente “na Europa, nas Índias, na China, na Oceania, na América, [onde] cresce e se desenvolve esta planta mimosa com tanto viço que à sua sombra já se abrigam

del Concilio Plenario Latinoamericano. 2012. Tese (Doutorado em Teologia) – Universidade de Navarra, Pamplona, Espanha, 2012. p. 471.

16 EDWARDS, Lisa. **Roman Virtues:** the education of Latin American Clergy in Rome – 1858-1962. New York; Washington: Peter Lang, 2011. p. 18.

17 Idem. p. 4.

18 Essa tese de que a expansão territorial da Igreja para as áreas periféricas dos centros urbanos é um marco fundamental, no período que vai do final do século XIX para o século XX, foi discutida com maior propriedade em: MARROQUIM, Dirceu S. M. **Frei Casimiro Brochtrup:** Igreja Católica, territorialidade e trabalhos sociais no Recife (1894-1944). 2022. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

19 Alguns outros tópicos debatidos pelo I Congresso Católico servem também para entender o curso deste trabalho, como a conferência sobre a Sociedade de São Vicente de Paulo. No entanto, optei por centrar, por agora, as minhas atenções ao Apostolado da Oração.

milhões de fiéis”. Somavam-se, segundo Amaral, mais de 60.000 paróquias, associações e comunidades alistadas naquela obra, reconhecendo, portanto, que o “Apostolado da Oração é, pois, incontestavelmente, uma associação universal”.²⁰ No Brasil, todas as dioceses contavam com pelo menos uma sede implantada. Por fim, antes de apresentar as suas propostas, fez algumas considerações à plenária do I Congresso Católico de Pernambuco. Dentre estas, destaco: o oferecimento do gênero humano ao Santíssimo Coração de Jesus pelo papa Leão XIII (1899) e as recomendações feitas pelo Concílio Plenário Latino-Americano “aos pregadores e aos Sacerdotes, principalmente aos Rvdms. Párcos, [para que] agreguem os fiéis ao Apostolado da Oração”.²¹

As postulações trazidas pelo monsenhor Marcolino do Amaral conectavam-se com demandas que eram maiores que o seu esforço pessoal e se entrecruzavam com interesses da própria Igreja Católica para a América Latina naquele momento. A referência ao Concílio Plenário Latino-Americano apareceu gradualmente nas ações e justificativas da arquidiocese de Olinda com ainda mais intensidade nos anos posteriores. Um comparativo entre os relatórios apresentados em 1908 e em 1913 possibilita uma maior compreensão dessa expansão: de um lado, no primeiro ano, havia menção a 27 centros da referida devoção espalhados por Pernambuco, sendo que apenas cinco, ou 18,5%, estavam no Recife ou em cidades próximas.²² Já em 1913, existiam 56 centros, dos quais 22 estavam em áreas próximas do Recife, o que soma um total de 39,2% situados na capital pernambucana.²³ Desse modo, o movimento do orador ao fazer uma referência a um documento central, e recente, no que diz respeito às estratégias de atuação dos representantes da Cúria Romana em âmbito local, deixava entrever o quanto as suas proposições estavam alinhadas com a composição do *Corpo Místico* mencionado algumas linhas acima.

É preciso também observar que, no ano seguinte ao Congresso Católico de 1902, ocorreu uma mudança nos rumos da Igreja Católica com a morte do papa Leão XIII e a sagração de Pio X como sumo pontífice. O seu *motto* era *instaurare omnia in Christo* (restaurar todas as coisas em Cristo), e tinha como princípio “restaurar a comunidade cristã através de uma reforma positiva”, e, para tanto, publicou decretos que privilegiavam a inserção do tema da Comunhão das Crianças, prevendo ações “medidas para melhorar a instrução do catecismo e do sermão, reforma da música sacra e revisão do missal e do breviário, e reorganização dos seminários para melhorar a formação do clero”, lançando as bases para a implementação da Ação Católica.²⁴ E isto se traduzia em documentos

20 Idem. p. 74.

21 Idem. p. 76. CONGRESSO Católico. **A Província**, Recife, p. 1, 28 jun. 1902.

22 Dados sistematizados a partir do relatório publicado no jornal *A Tribuna*, 12 out. 1908.

23 Esses dados foram obtidos do **Relatório do Apostolado da Oração na Arquidiocese de Olinda**. Recife: Typ. Livraria Franceza, 1913. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

24 JEDIN, Hubert; DOLAN, John (ed.). **The Church in the industrial age** (History of the Church, v. 9). Nova Iorque: s.n., 1981. p. 389.

importantes, como a encíclica *Il fermo proposito* (1905), que evidenciava a necessidade da ação dos leigos nos trabalhos apostólicos e como um importante vetor de difusão dos princípios caros à Cúria Romana naqueles anos. Era um pontífice preocupado com o impacto social da Igreja Católica e a sua expansão.

Esse crescimento também se traduzia em um aumento significativo de templos católicos, com o passar dos anos, muito mais como projeto de atuação. Para termos uma dimensão disto, fiz um levantamento quantitativo de igrejas construídas na cidade do Recife, no período entre 1931 e 1953, a partir dos dados do *Anuário Estatístico de Pernambuco*. Dentro do recorte temporal ao qual este estudo se dedicou, houve um crescimento exponencial do número de templos católicos construídos, fosse uma igreja propriamente dita, ou uma capela, ou ainda locais públicos de devoção.²⁵ Sendo assim, entre o ano de 1931 e o de 1953, houve um aumento de aproximadamente 165% no total de igrejas no território. O que, a rigor, não significava apenas um edifício de pedra e cal, mas toda a sociabilidade concernente ao templo. Era a referência simbólica que se fazia presente a olhos vistos, por mais que os valores ali compartilhados fossem muito mais complexos de captar.

Nesses termos, faz-se necessário olhar detidamente para a realidade da própria cidade do Recife e das suas relações com os mundos do trabalho. O censo do Recife de 1923 aponta para alguns dados relevantes e que precisamos, de antemão, levar em conta alguns desses indícios. Um primeiro elemento a ser destacado é o fato de que aproximadamente 51% das residências da capital pernambucana eram classificadas como mocambos.²⁶ Mas se olharmos esses dados com mais cuidado, em relação ao tipo construção, constataremos que apenas 34% das residências eram feitas de tijolo e 64% eram construídas com materiais diversos, a saber: barro (91%), tábua (5%), zinco (2%), pau a pique (2%), e um quantitativo residual feito de palha. A predominância de residências simples e muitas vezes precárias, especialmente os mocambos, no censo de 1923 do Recife, reflete as difíceis condições de vida enfrentadas por grande parte da população na época.

As fábricas concentravam-se majoritariamente (89%) nas áreas centrais da capital pernambucana, sendo 36% em Santo Antônio, 24% na Boa Vista, 18% em São José e 11% no bairro do Recife. As demais distribuíam-se nas Graças (5%), no Poço (3%), Afogados (2%) e Várzea (1%).²⁷ Não é gratuito que as regiões mais populosas da cidade orbitassem no entorno dessas áreas centrais. As distâncias não eram tão significativas, com redes

25 Essas categorias são utilizadas no próprio anuário estatístico.

26 Ao analisar o silêncio racial nas políticas urbanas do Recife, a historiadora Brodwyn Fischer observou que a palavra mocambo “era uma palavra da língua quimbundo que se referia a comunidades quilombolas, antes de passar a significar barraco rústico ou de favela”. Ver: FISCHER, Brodwyn. A ética do silêncio racial no contexto urbano: políticas públicas e desigualdade social no Recife, 1900-1940. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo: Nova Série, 2020. v. 28, p. 1-45.

27 Os dados utilizados neste e no parágrafo anterior foram retirados de: PERNAMBUCO. Departamento de Saúde e Assistência, Inspetoria de Estatística Propaganda e Educação Sanitária. **Recenseamento do Recife, 1923**. Recife: Secção Técnica da Repartição de Publicações Oficiais, 1924.

de bonde e outros transportes urbanos sobre trilhos que conectavam essas áreas de alta densidade urbana com os locais de trabalho.

Com isso é possível refletir que a circulação das ideias que saíam do Vaticano e percorriam as hostes hierárquicas das igrejas chegava à população pobre do Recife. Na capela do Bom Parto e na matriz de Nossa Senhora de Belém, por exemplo, situada no bairro operário de Campo Grande, foi lida à estação da missa, em 8 de dezembro de 1920, a “Carta Pastoral Coletiva do Episcopado das Províncias Eclesiásticas Setentrionais do Brasil sobre os males da sociedade atual; resumidos nos gozos, modas, cinema, imprensa – mau teatro, sobre duas vítimas: Família e operário”.²⁸ Ou seja, o momento da homilia, dos avisos e anúncios era também um olhar atento para as mudanças teológico-devocionais que estavam sendo operadas dentro da própria sede da Igreja e que possuíam ampla circulação.

Esse crescimento, tanto das igrejas quanto a diversidade da ocupação territorial, possuía a ele associado dinâmicas sociais de diversas associações católicas, como o próprio Apostolado da Oração, que passava a ocupar os mesmos lugares que os trabalhadores pobres moravam. O que quero frisar neste tópico, portanto, é que essa presença era marcada pela “teia sutil” do Vaticano em âmbito local, nas áreas de pobreza do Recife. Os trabalhadores, e talvez as suas famílias, passavam a ser objeto de atuação da Igreja Católica. Fosse através da divulgação das encíclicas papais, traduzidas em carta pastoral pelos bispos e lidos diante das pessoas presentes na missa, ou pela fundação de novas formas associativas, ou mesmo nas autorizações de liberação de casamento, entre outras. Debate sobre o qual me deterei no tópico a seguir.

Associações leigas em bairros operários: mobilizações sociais e efemérides

EM PRINCÍPIOS DE 1912, os bispos do norte do Brasil congratularam, através da *Tribuna Religiosa*, periódico oficial da Arquidiocese de Olinda, os “Exms. Arcebispos e Bispos do Sul do Brasil pela excelente Pastoral Coletiva que no ano passado elaboraram e publicaram, estando reunidos na cidade de São Paulo”. Além da recomendação da leitura para todo o clero da região setentrional do país, adotaram 12 recomendações para suas próprias dioceses e arquidioceses. Estas tinham como referência as sociabilidades entre os sacerdotes, a possível criação da Universidade Católica de Pernambuco, que ficaria a cargo do prelado de Olinda e concentraria a formação católica em um só local, além da atenção ao tema da “Boa Imprensa”.²⁹

É possível que a referida carta pastoral tenha tido uma circulação considerável entre os sacerdotes da arquidiocese de Olinda, uma vez que o próprio D. Luiz Raymundo de

28 **Livro de Tombo da Freguezia de N. S. de Belém.** v. 1. p. 63. Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora de Belém.

29 Todas as informações deste parágrafo foram retiradas de: RESOLUÇÕES do Episcopado do norte do Brasil. **Tribuna Religiosa**, Recife, p. 1, 3 fev. 1912.

Britto, por meio de uma circular, informava “que a Secretaria do Arcebispado já recebeu numerosos exemplares da Pastoral Coletiva e Constituições Provinciais do Sul, adotadas, como é público, pelos exmos. e rvms. Srs. Arcebispos e Bispos do Norte do Brasil”. E concluiu a circular informando ainda que: “muito desejamos que os rvds. Párcos e, em geral, todos os sacerdotes não somente leiam e releiam, mas ainda estudem com atenção e diligência essa obra monumental do nosso Episcopado”.³⁰ Tal diretriz parece ter tido reverberação em algumas paróquias, uma vez que o pároco da igreja de Nossa Senhora de Belém, situada no bairro de Campo Grande, fez transcrever tal circular, assim como alguns dos trechos do documento no próprio livro de tombo da sua unidade administrativa.

Dentre as proposições, existem duas que gostaria de destacar aqui. Estas, complementares ao seu modo, diziam respeito à uniformidade das ações a serem realizadas nas paróquias e o reconhecimento do papel dos sacerdotes e da sua força social no interesse da defesa da Igreja Católica. A crescente preocupação com a instância local da administração eclesiástica revelava, de um lado, a forte clericalização na organização das associações leigas, da postulação de um controle ferrenho por parte das autoridades, por outro, uma ação coordenada de expansão das ações da Igreja, com um controle institucional das atividades paroquiais.

Na proposição de número cinco, os prelados escreveram que: “Para haver unidade da *ação social* em toda a diocese, além da fundação das associações paroquiais”, solicitavam a criação de uma “associação central das obras sociais, composta de católicos práticos e trabalhadores ou dos melhores membros das associações masculinas”.³¹ Isso revelava uma preocupação com a forma coordenada de atuação, para além das questões fundamentalmente teológicas, mas que dizia respeito à própria organização social e administrativa das paróquias e, por conseguinte, das dioceses. Era o estabelecimento de instâncias de controle fundamentais para se entender os modos de funcionamento junto à população.

Tal iniciativa fica ainda mais evidente na proposição de número oito, cujo alerta aos sacerdotes consistia para que estes fizessem o esforço de “estabelecer e desenvolver em suas paróquias, o Apostolado da Oração, as Conferências de S. Vicente de Paulo e a Associação de Senhoras de Caridade, assim como casas escolas paroquiais”, uma vez que, segundo o texto, “estas instituições muito concorrem para a conservação e esclarecimento da fé e prática de amor a Deus e ao próximo”.³² Apesar de haver outras associações, umas incorporadas a essa plêiade, outras que já existiam por recomendação do próprio sumo pontífice, as paróquias passaram a ter, obrigatoriamente, no cotidiano do seu funcionamento, novas efemérides a serem celebradas além dos desdobramentos caritativos

30 **Livro de Tombo da Freguesia de N. S. de Belém.** v. 1. p. 21. Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora de Belém.

31 RESOLUÇÕES do Episcopado do norte do Brasil. **Tribuna Religiosa**, Recife, p. 1, 3 fev. 1912.

32 *Ibidem*.

dessas associações. Assim, as dinâmicas sociais produzidas nesses núcleos contribuíam com a consolidação da Igreja Católica dentro das comunidades locais, aparecendo como um ator político cada vez mais importante. Somando-se a isto, o espraiamento de templos em áreas as quais, talvez, o Estado desconhecesse por completo.

Essas associações leigas passaram gradativamente a ocupar um espaço que durante o século XIX era conferido às irmandades. Que, apesar de, desde a década de 1870, terem uma maior fiscalização por parte das autoridades eclesiásticas, gozavam de uma maior liberdade de atuação.³³ A chegada da República e a “autonomia” da Igreja em relação ao Estado possibilitavam uma maior preocupação das prelazias e dos párocos na manutenção das suas autoridades locais e o quanto essas práticas devocionais diziam respeito às formas de atuação local.

Para termos uma ideia disso, é possível perceber no *Anuário Estatístico de Pernambuco*, do ano de 1930, que a quantidade de associações pias era de 168, espalhadas nas 41 paróquias da arquidiocese de Olinda e Recife. Ou seja, o resultado é de aproximadamente quatro associações por unidade administrativa eclesiástica. Se compararmos com o número de irmandades existentes, no mesmo anuário constava a soma de 34, centradas em paróquias mais antigas e relativamente próximas à capital pernambucana. Isto quer dizer que a disseminação das associações pias ao longo do território apresentava um cenário de maior capilarização e com maior aproximação com a população, como se verá mais adiante.

No próprio ano de 1912, o periódico católico da arquidiocese de Olinda e Recife começou a colocar em movimento alguns desses postulados. No editorial da *Tribuna Religiosa*, com o título simbólico de “O que nos falta?” e cuja resposta foi: “É a colaboração comum, é a ação sinérgica dos poderosos elementos que possuímos para a grande obra de cristianização social. [...] Quando virá a hora de levantarmos como Hércules para esmagar os pigmeus que procuram prender-nos nas malhas de suas requintadas astúcias?”³⁴ A proposta, em forma de convocatória, aparecia como: “Organizemo-nos, unamo-nos. Todas essas forças de que dispomos, estão dispersas. [...] *Lex agendi*. É a lei de agir. [...] Em uma palavra, a ação católica decisiva e eficaz, sentir-se-ia em todas as camadas sociais.”³⁵

O caminho escolhido para esse ponto de partida foi a criação da União Popular,³⁶ instituição cuja finalidade era “pôr todos os meios legítimos a ação social católica,

33 Sobre a cultura associativa dos trabalhadores e a relação com as irmandades religiosas ver o importante texto: SOUZA, Felipe Azevedo e. A blusa e a urna: metamorfoses do associativismo de trabalhadores entre o Império e a República. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 12, p.1-18, 2020.

34 O QUE nos falta? **Tribuna Religiosa**, Recife, p. 1, 17 fev. 1912.

35 Ibidem.

36 O desenho institucional da União Católica do Brasil foi feito ainda no 2º Congresso Católico do Brasil, ocorrido em 1908, no Rio de Janeiro. A proposta foi elaborada pelo “Cônego Dr. Victor M. Coelho de Almeida e o ilustrado J. C. de A. Mello Mattos [que] ocuparam-se de brilhantemente da organização e dos fins da União Popular do Brasil”. Ver: Ação social católica. **Tribuna Religiosa**, Recife, p. 2, 17 fev. 1912.

principalmente entre as mais numerosas classes”,³⁷ com o pressuposto de *educar* “a consciência social, civil, moral e religiosa”, *formar* junto aos fiéis “a ação individual organizada”, além de unir, fomentar e orientar ações religiosas e, por fim, “*sustentar* um movimento geral de ação civilizadora e promotora de todos os interesses legítimos dentro do âmbito da atividade católico social”.³⁸ Inspirada em grupos congêneres que atuavam do outro lado do oceano Atlântico, como a *Unione Popolare* da Itália e a *Volksverein* da Bélgica, pretendiam unificar as ações de maneira coordenada e sob a tutela e direção das autoridades eclesiásticas. Apesar dessa iniciativa ter perdido força com o passar dos anos, pelo menos em âmbito local, o esforço da arquidiocese de Olinda e Recife em criar ações coordenadas não pararam por aí. É o caso do ano de 1915, com a proposição de criação dos “Centros Paroquiais”, cuja iniciativa era de formação de “um grupo social que deve viver, trabalhar, agir. O seu raio de ação estende-se a toda a paróquia”.³⁹ Ou mesmo das iniciativas de D. Sebastião Leme, a partir de sua posse como arcebispo de Olinda e Recife no ano de 1916, com a fundação da Confederação das Associações Católicas, em 1918, que até os anos de 1920 teve uma considerável continuidade, sobretudo na seção feminina.⁴⁰ O que quero pontuar aqui é que a conjunção de fatores, de uma atuação sistêmica e de ampliação na presença da Igreja Católica no território, apesar das suas diversidades locais, apresenta uma certa similitude nas formas de inserção na vida dos trabalhadores e trabalhadoras e nas suas sociabilidades. A “teia sutil”, a qual referia-se a personagem do tipógrafo Antônio Gonçalves no romance de Chagas Ribeiro mencionado no tópico anterior, surgia precisamente das sociabilidades dessas associações. Eram nessas instâncias locais que chegavam com discursos da construção de noções de família, do trabalhador ideal e da tentativa de alçar os olhares da Igreja para as casas, muitas vezes precárias, dos habitantes dos subúrbios do Recife.

É o caso precisamente da Pia Associação Universal das Famílias Consagradas à Família de Nazareth, fundada no bairro de Afogados. Que, como já vimos, possuía uma densidade considerável de habitações informais e estava geograficamente próximo da região com maior densidade em relação com as pequenas fábricas e indústrias do Recife. Além de ser, segundo o Censo de 1923, o distrito mais populoso da capital pernambucana, concentrando 22% dos habitantes e 56% das casas classificadas como mocambo. No livro de abertura da referida associação, já na primeira ata, aparecia contida a seguinte informação:

Fazendo o Sr. Vigário e Diretor da mesma, uma bem frisante alocação, cujo tema foi a união – onde demonstrou, que o Chefe da Igreja o Papa Leão XIII com este fim ordenou a propagação desta Pia Instituição, por todo o orbe católico, e assim o seu desejo também era: ver em breve alistadas todas as

37 AÇÃO social católica. *Tribuna Religiosa*, Recife, p. 2, 2 mar. 1912.

38 *Ibidem*.

39 NOTAS Práticas. *Tribuna Religiosa*, Recife, p. 1, 24 abr. 1915.

40 Ver: CONFEDERAÇÃO das Associações Católicas – Sessão Feminina. *Tribuna Religiosa*, Recife, p. 1, 3 out. 1918. *Idem*, Sessão Masculina.

famílias da paróquia a seu cargo; não somente para encher número, mas com todo devotamento, imitando as virtudes da Família de Nazareth, os Chefes sendo mais recatados, evitando em suas casas a leitura de livros ímpios, jornais livres, etc, que os mesmos chefes servindo-se do exemplo de São José como guarda vigilante da Família de Nazareth, tivessem amor à obediência e o trabalho: que não faltassem as reuniões as pessoas agregadas, que deviam apresentar-se a mesma data e hora; finalmente que trabalhassem, afim de obter famílias convidando as famílias à sala das sessões, fez a prece de costume.⁴¹

O pároco de Afogados, que também era o diretor da Pia Associação, fazia referência em seu discurso à encíclica de Leão XIII, de 1889, na qual reiterava a importância do culto à Sagrada Família, especificamente a devoção a São José, que já havia sido fortemente promovida por Pio IX. No entanto, o conteúdo da *Quamquam Pluries* (1889) representava um São José que, além de patrono da Igreja Católica, possuía outros atributos, que passavam pelo cuidado com a casa, em termos morais, assim como o “sumo amor e contínua vigilância a sua esposa e o Filho divino; foi ele que proveu o seu sustento com o trabalho” e sugere ainda que ao olhar para São José, “os ricos descubram quais são os bens que na verdade é necessário buscar e guardar zelosamente. E enfim, os pobres, os operários e todos aqueles que pouco tiveram da sorte, têm um motivo a mais – e todo especial – de recorrer a José e de tomá-lo como exemplo”. Continua informando que: “O trabalho do operário, longe de ser desonroso, torna-se fonte de nobreza quando associado à virtude.” E, por fim: “José, contente do seu trabalho e do pouco que possuía, viveu com coragem e nobreza as angústias da vida, seguindo nisto o exemplo de Jesus, que embora sendo Senhor de tudo, fez-se servo de todos e não desdenhou abraçar voluntariamente a pobreza.”⁴² Nesses termos, ao recuperar a imagem de São José, o pároco referia-se precisamente à necessidade de reiterar o arquétipo do homem de família, operário que sustentava o lar. Falando para um grupo social que, provavelmente, também havia “abraçado”, não tão voluntariamente, a pobreza, procurava assim equiparar o exemplo da família de Nazaré à realidade do Recife. De que, era preciso resignar-se ao contexto no qual estavam inseridos. No ano seguinte, em 1903, o mesmo sacerdote reitera a mensagem de que “os pais de família se compenstrassem das suas verdadeiras obrigações perante Deus, prodigalizando aos seus filhos bons ensinamentos, e os enviassem sempre à igreja, em cujo templo encontravam a luz e o alimento verdadeiramente necessários ao espírito”.⁴³ O funcionamento dessas associações atravessa a primeira metade do século XX, partindo de uma lógica de expansão territorial da própria Igreja nas regiões notadamente habitadas por trabalhadores.

41 **Pia Associação Universal das Famílias Consagradas à Família de Nazareth.** Ata n. 1. Sessão Ordinária. Recife, 10 abr. 1902. Livro de Atas n. 1, p. 4. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Paz de Afogados – Recife.

42 LEÃO XIII. **Quamquam Pluries.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15081889_quamquam-pluries.html.

43 **Pia Associação Universal das Famílias Consagradas à Família de Nazareth.** Ata n. 1. Sessão Ordinária. Recife, 10 abr. 1903. Livro de Atas n. 1, p. 14. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Paz de Afogados – Recife.

E, nesses termos, a criação das associações funcionava como um elemento fundamental na articulação entre as práticas religiosas ancoradas pelos sacerdotes e a população local. Na paróquia de Nossa Senhora da Piedade, sob a responsabilidade do Pe. João Olympio, no ano de 1922, “Funcionam na matriz oito associações, sendo duas para homens: a Conferência de São Vicente de Paulo e o Núcleo Católico da Piedade, o qual mantém uma escola para filhos de operários, favorecendo-lhes gratuitamente todo o material escolar”.⁴⁴ Além disso, funcionavam “As seis associações restantes são femininas: Apostolado da Oração, Pia União das Filhas de Maria, Senhoras da Caridade, Doutrina Cristã, Associação das Almas e Óbolo Paroquial, que são muito bem coadjuvadas pelo vigário no desenvolvimento da piedade e ação social católica na Paróquia”.⁴⁵ Numa paróquia que possuía, segundo o próprio sacerdote, “30.000 almas”, e informava que: “A ignorância religiosa que invade principalmente as classes pobres é simplesmente apavorante. Desconhecem as mais rudimentares noções da santa Religião”.⁴⁶ Foi sob a direção do próprio pároco João Olympio que na paróquia da Piedade fundou-se a União dos Operários Católicos de Pernambuco, que não teve os seus desdobramentos bem documentados nos periódicos locais.⁴⁷

Apesar de todas as mudanças teológicas de orientação da Igreja Católica e da intensificação dessa presença, a preocupação com a população pobre como objeto de atuação em diferentes níveis de inserção era uma questão central para a cúria no decorrer do período aqui analisado. Não é gratuito o fato de que, tanto as associações femininas, como as Senhoras da Caridade, quanto a da Família de Nazareth procuravam abordar facetas distintas de uma mesma moeda. A tentativa de inserir-se no cotidiano daquelas pessoas, preencher os momentos de lazer comunitário com as sucessivas festas do Sagrado Coração de Jesus em diversas paróquias, as celebrações feitas às padroeiras e padroeiros das administrações eclesiásticas, festas dos rosários, das mães cristãs, das filhas de Maria, Sociedade de São Vicente de Paulo, do Santíssimo Sacramento, nas primeiras comunhões, entre várias outras.

A festa de Nossa Senhora de Belém, da Encruzilhada, em 1920, é um bom exemplo disso. O relatório escrito pelo pároco dá a dimensão dos vários dias em que se deram as celebrações. Iniciou: “O fogo de vista esteve muito bom, a multidão à noite, depois da Procissão, era extraordinária. Houve divertimentos populares, barracas em grande número, todas bem ornamentadas, muita ordem e respeito”. Com o intuito de frisar a dimensão religiosa, o vigário João Pereira de Araújo Pedrosa complementou: “Ao ser queimado o Painei, o sino repicou, a multidão descobriu-se respeitosa e ao som das músicas todos davam vivas à N. Senhora de Belém. Depois de tudo, subiu ao ar, às 10h, uma

44 **Livro de Tombo da Igreja Matriz da Piedade (Recife)**, p. 85v (1922). Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade.

45 *Ibidem*.

46 *Ibidem*.

47 UNIÃO dos Operários Católicos de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 4, 15 jan. 1930.

salva de 21 morteiros”. Somando-se ainda a observação do quantitativo de pessoas que se dirigiam para os dias de comemoração: “O trem vinha do Recife sempre com lotação superior e muitos eram os forasteiros. A saudade da festa deste ano permanecerá viva em todos os assistentes por muito tempo.”⁴⁸

A festividade era regada com música, a “orquestra confiada ao professor Daciano da Porciúncula”. Ainda há a referência às noites destinadas aos solteiros e às solteiras. Na primeira, “muito animada, tocaram 2 músicas de Polícia; houve jornal noturno, ornamentação externa, fogos e cinema ao ar livre”. A segunda noite, das solteiras, foi “ainda mais animada tocaram música do 21º Batalhão de Caçadores, uma de Polícia e outra da escola correccional (Casa de Detenção)”. Por fim, na última noite, houve a procissão “acompanhada por mais de 300 meninas, vestidas de branco e com a fita do Apostolado, tocaram uma música”.⁴⁹ O mesmo pode-se dizer das festividades no bairro de Beberibe, cuja notícia frisava que em outubro “realizaram-se solenes preces na matriz e no dia 23 procissão de penitência da matriz até à capela de Santo Antônio de Água Fria presidida pelo revmo. Vigário com a assistência de 3.000 pessoas”.⁵⁰ A celebração dessas efemérides mobilizava a vida comunitária, procurando atrair novos fiéis, fortalecendo suas bases, constituindo-se como uma força social incontornável na primeira metade do século XX. No entanto, há ainda um outro elemento a ser analisado dentro desse argumento da presença da Igreja Católica nos bairros operários, que é a realização das “Santas Missões Populares”, muito comum nas áreas interioranas, sertões adentro, mas que passaram a ter uma recorrência significativa nas regiões periféricas dos centros urbanos.

Santas Missões: as capelas e os cruzeiros

EM MARÇO DE 1920, o arcebispo de Olinda ordenou que fossem realizadas Santas Missões nos bairros pobres da capital pernambucana, como o Arraial, Água Fria e Campo Grande. Todas essas incursões foram realizadas não pelos párocos locais, embora estivessem engajados nas ações, mas por missionários estrangeiros pertencentes, sobretudo, a alguma ordem religiosa, como os carmelitas, os franciscanos e os salesianos. A prática bastante difundida no Brasil, passava por uma intensificação na sua realização naquela primeira metade do século XX. Além de gerar um impacto comunitário significativo, quase sempre deixava suas marcas materiais no local de ocorrência.

Sobre a origem das *missões*, a historiadora Erika Helgen observou que “enquanto estudiosos podem encontrar vestígios da tradição e do método ainda na Idade Média, as *santas missões* tiveram sua organização oficial ainda no século dezesseis”.⁵¹ Inicialmente

48 Todas as citações diretas desse parágrafo foram retiradas de: **Livro de Tombo da Freguesia de N. S. de Belém**. v. 1. p. 43. Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora de Belém.

49 Ibidem.

50 BEBERIBE. **Tribuna Religiosa**, Recife, p. 2, 21 nov. 1918.

51 HELGEN, Erika. **Religious Conflict in Brazil**. New Haven: Yale University Press, 2020. p. 169.

coordenadas por capuchinhos e jesuítas, procuravam “despertar a fé católica dos ‘humildes camponeses’ da Europa e, assim, fornecer um sustentáculo contra a crescente ameaça do protestantismo”.⁵² Era a manifestação da institucionalidade eclesiástica no espaço público, com práticas religiosas intensas, que traziam consigo a mensagem de serem uma força social de combate ao inimigo do momento, chegando majoritariamente em áreas rurais, distantes dos centros urbanos. No Brasil, as *santas missões* encarnavam, enquanto ação eclesiástica, o projeto de Igreja almejado pelas suas autoridades, conectando-as com os ventos que vinham do Vaticano.

A entrada nos territórios, alcançando uma população que vivia em lugares muito distantes, fazia com que o catolicismo ortodoxo, alinhado com a Santa Sé, expandisse os seus tentáculos com maior eficiência. Kenneth Serbin observou que os sacerdotes responsáveis por tais ações, muitos deles belgas, italianos, franceses, encaravam as “inóspitas condições e a violência do sertão”, sendo a viagem, na maior parte das vezes, “exaustiva, difícil e perigosa”. Os ritos realizados nas localidades representavam um acontecimento social nas pequenas vilas espalhadas rincões adentro e: “ensinavam os preceitos morais básicos do catolicismo e aumentavam o prestígio do clero.” Ainda de acordo com o autor, “as *santas missões* santificaram o papel da Igreja como pilar da estrutura social brasileira”.⁵³

Naquele março de 1920, ao realizar uma missão em Campo Grande, “um bairro de casebre de palha e mucambos paupérrimos”, o frei Miguel Bellido, carmelita responsável pelas práticas religiosas, fez erigir em uma daquelas casas “a capela do Santíssimo. Numa clareira aberta no meio das casinhas surge um altar improvisado”.⁵⁴ A missão começava sempre com uma prática “anunciando o fim que o trazia àquele lugar, suas vantagens e necessidade da penitência como meio de reconciliação das almas que viviam afastadas de Deus, pedindo aos fiéis que lhe avisassem se havia gente pagã ou em união ilícita, ou enfermos”. No relatório escrito pelo pároco da encruzilhada, anotou que “havia diariamente sermão de uma hora às 4:1/2 da manhã e às 7 da noite”. Ainda no texto escrito do Pe. João Pereira de Araújo Pedrosa, “os homens pobres daquele lugar que cercavam o altar, na hora da pregação, fixavam os olhares no Pregador, ouvindo religiosamente as verdades da nossa Religião com uma atenção verdadeiramente edificante [...] Perto de cinco mil pessoas se acotovelvavam junto ao púlpito. Quase todos operários. Oh! O bem enorme das missões!”⁵⁵ O jornalista da *Tribuna Religiosa* foi mais explícito em relação ao público presente, informando que ao final daquele evento “o povo operário de Campo Grande, o povo pobre do Recife dava repetidos vivas ao representante da Igreja”.⁵⁶

52 Ibidem.

53 Todas as citações diretas deste parágrafo foram retiradas de: SERBIN, Kenneth. SERBIN, Keneth P. **Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. p. 91.

54 CAMPO Grande. *Tribuna Religiosa*, Recife, p. 2, 18 mar. 1920.

55 **Livro de Tombo da Freguezia de N. S. de Belém**. v. 1. p. 45. Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora de Belém.

56 CAMPO Grande. *Tribuna Religiosa*, Recife, p. 2, 18 mar. 1920.

O próprio frei Casimiro, o frade com o qual iniciei o presente texto, celebrou muitas dessas missões quando já se identificava, ele próprio, como missionário. Em dezembro de 1931, auspiciava-se “grande brilhantismo a noite de Natal da fábrica Tacaruna, dado o interesse que vem tomando a comissão encarregada de organizar os festejos, ao sentido de não olvidar esforço para maior realce dos mesmos”, notando que “aos operários da Tacaruna e da Fundação de Santo Amaro será oferecido um sarau ao ar livre que deverá prolongar-se até alta madrugada com intervalo necessário para a realização da missa que será celebrada pelo frei Casimiro, às 24 horas em ponto”.⁵⁷ Dois anos depois, 1933, “Casimiro pregou uma pequena missão aos operários da Usina Bonfim na freguesia da Escada no dia 9 até o dia 15 do corrente mês [outubro]”.⁵⁸ Comentando sobre o impacto das Santas Missões, o bispo D. Amando Bahlmann, também franciscano e missionário, escreveu em sua *Memória inacabada* que o efeito daqueles dias “dura muito tempo. Os pais contam aos filhos, os vizinhos aos amigos e conhecidos. Nas casas, depois das orações da noite, os sertanejos costumam rezar ‘pelos nossos missionários’”.⁵⁹ Esses religiosos passaram a fazer parte de um imaginário brasileiro e a povoar território de outras ordens que não apenas de modo material.

A atuação de frei Casimiro, como já vimos, foi a de criar uma “missão permanente”, ou seja, manter um ritmo de trabalho intenso com missas diárias e pregações de maneira contínua. O que diferencia a atuação desse sacerdote é que o seu trabalho foi iniciado pensando precisamente nos operários da capital pernambucana que moravam nas áreas de pobreza, sobretudo no bairro de Santo Amaro. Um repórter do *Jornal Pequeno* (PE) fez uma visita à missão do frade franciscano e publicou algumas notas a respeito: “entre mocambos e fora da linha férrea, que corre, atravessando toda aquela zona [...] bem dentro do populoso núcleo que é a Macacheira [sic], realiza-se uma obra que a modéstia que a reveste não consegue tirar-lhe o seu grande relevo.”⁶⁰ Antes mesmo de explicar textualmente a qual obra estava se referindo, anotou que “Chama atenção do visitante daquele bairro da pobreza uma cruz tosca de madeira que se eleva do vértice de um ângulo que dois caibros formam, sustentando a cumeeira, e desenhando-lhe a fachada de um barracão”. Uma palhoça de grosso talhe, situada entre os mocambos do sítio da Macaxeira, despertara o interesse do escritor. Tratava-se de uma casa “disforme de tapamentos irregulares e o material empregado é o mais variado”, a cobertura era feita de sapé, as paredes eram de “tapumes de madeira, tábuas de diferentes feitios descobrindo a fonte onde saíram, caixas e caixotes, e de panos de sacos de aniagem”.⁶¹

57 NATAL na Tacaruna. *Jornal do Recife*, Recife, p. 1, 17 dez. 1931.

58 **1º Livro de Crônicas do Convento de Santo Antônio do Recife**, p. 143, 1933. Arquivo da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil.

59 BALHMANN, D. Amando. **Memórias inacabadas**. São Paulo: Cúria Provincial, 1991.

60 Todas as citações diretas deste e do próximo parágrafo foram retiradas de: UMA GRANDE obra que vem se fazendo. *Jornal Pequeno*, 6 out. 1928.

61 O saco de aniagem era feito de um material grosseiro, para embalar fardos.

Era surpreendente ao escritor o fato daquele prédio, diante de aparente fragilidade, ter suportado o tempo das chuvas.

Ao adentrar no recinto, o jornalista observou o tamanho da área, onde havia “um grande compartimento; é a metade do barracão. Uma coberta de saco de aniagem destaca bem a divisão verificada”. O outro trecho estava dividido em mais duas salas “com a mesma sorte do tapamento”. No centro de tudo, um altar, e encerrou o jornalista afirmando: “são ali capela e escola”. Esse cenário era o início da obra social do frade franciscano Casimiro Brochtrup, que havia chegado ao Brasil, vindo da Alemanha, em 1894.



Fonte: **Jornal Pequeno**, p. 1, 6 out. 1928.

De um lado, a palhoça/capela/escola situada em meio a uma área de mocambos, área alagadiça relativamente próxima do centro urbano do Recife. Do outro, as crianças que estudavam na escola dirigida pelo frade. Meninos majoritariamente negros, provavelmente filhos da população do entorno, de trabalhadores e trabalhadoras que viviam naquela porção do bairro de Santo Amaro. Além da estratégia da ocupação territorial, com a construção da igreja e de uma escola, frei Casimiro mobilizou os mesmos mecanismos previamente narrados nas linhas anteriores com a celebração das festas do padroeiro, São Sebastião, a fundação do Apostolado da Oração, Senhoras da Caridade, Sociedade de São Vicente de Paulo, entre outras. Seguiu o roteiro de tentar mobilizar socialmente a localidade.

A circulação do religioso também acontecia na esfera política e nas teias da burocracia estatal, que nem sempre foram favoráveis à sua causa. No entanto, o cenário mudou com o total alinhamento com o governo de Pernambuco, depois do golpe político do Estado Novo em 1937. No mês anterior ao golpe, o frade havia reunido a Liga Católica Jesus, Maria e José e um conjunto de associações femininas “da Igreja de São Sebastião, da Macaxeira, e demais Católicos de Santo Amaro, tendo à frente o missionário franciscano frei Casimiro, uma romaria ao santuário da Imaculada Conceição, pela paz do Brasil, para que esta não venha a ser alterada”.⁶² Uma nota do livro de crônicas do convento de Santo Antônio já situava, meses depois do levante comunista de 1935, que a missão pregada por Casimiro no arrabalde do cordeiro “excedeu o quanto se podia esperar nesse arrabalde

62 ROMARIA do Arraial. **Jornal do Recife**, Recife, p. 2, 2 out. 1937.

quase abandonado, onde medravam o protestantismo, o espiritismo e o comunismo”.⁶³ O religioso tomava para si, como representante que era, as trincheiras que o Vaticano designava. Ao colocar no mesmo nível de “heresia” o comunismo, o protestantismo e o espiritismo, a prática social do religioso e o seu alinhamento ao golpe de 1937 mostra uma presença eminentemente conservadora de atuação no território, com noções de família e de sociedade muito bem demarcadas.⁶⁴

O religioso tornou-se confessor do interventor federal em Pernambuco Agamenon Magalhães, que havia sido ministro do Trabalho de Vargas (1934-1937).⁶⁵ Talvez não tenha sido gratuito que, no dia 1º de maio de 1941, uma dupla comemoração estava prevista para acontecer no bairro de Santo Amaro. A primeira delas era a inauguração de um conjunto residencial construído com recursos do Estado, em parceria com entes da sociedade civil que faziam parte da Liga Social Contra o Mocambo, fundada no ano de 1939. A segunda comemoração referia-se aos cinquenta anos de publicação da *Rerum Novarum* (1891), materializada na celebração por meio de uma palestra e do nome da vila operária, que inicialmente seria Vila das Costureiras, passou chamar-se, pela efeméride, Leão XIII, o pontífice que elaborou a mencionada encíclica. Isto funcionava, de acordo com o interventor federal em Pernambuco, “como homenagem à ação social da igreja”,⁶⁶ e que, ao seu modo, a tentava reproduzir em termos materiais. Em seguida, haveria a benção da vila operária, ministrada pelo já monsenhor João Olympio, já conhecido destas páginas.⁶⁷ Ali perto, alguns metros adiante, foi edificada, no mesmo período, a Vila das Cozinheiras, situada precisamente no sítio da Macaxeira.

Um artigo escrito por Magalhães, quando da morte do frade, é muito elucidativo para entendermos tanto a relação que o político estabelecia com o religioso quanto a própria perspectiva de transformação social pretendida por frei Casimiro:

A Cruzada Social contra o Mocambo perdeu com a morte de Frei Casimiro, um dos seus pioneiros. Levado pelo seu coração e por seu braço, é que conhecemos a Macacheira, o arraial mais denso e mais triste de miséria e abandono social. Comece por aqui, dizia-me frei Casimiro, a sua obra contra os Mocambos. Atendemos ao seu apelo e iniciamos a construção da vila das cozinheiras [...] Depois da caridade de Frei Casimiro é que surgiu a justiça do Estado. Não foi apóstolo das selvas. Foi apóstolo dos mocambos. Sentiu como nenhum outro a aflição dos que não tinham casa.⁶⁸

63 **1º Livro de Crônicas do Convento de Santo Antônio do Recife**, p. 162 (1935). Arquivo da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil.

64 Embora o debate sobre o socialismo e o comunismo estivesse presente em diversos jornais nas primeiras décadas do século XX, apenas nos anos de 1930 é que aparece nominalmente nas fontes consultadas. Brodwyn Fischer percebeu em seu texto que, em fins da década de 1920, já é possível ver o então novo partido comunista direcionando-se de maneira sistemática às áreas do mocambo. Ver: FISCHER, op. cit. No periódico *Tribuna Religiosa* há um interessante texto sobre o socialismo: “Ei-lo aí, o monstro vermelho, forcejando por implantar-se sorratamente no nosso solo. [...] Acautele-se, pois, sobretudo o nosso operário”. O SOCIALISMO. *Tribuna Religiosa*, Recife, p. 1, 26 out. 1912.

65 Ver. GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

66 LIGA Social Contra o Mocambo. **Jornal Pequeno**, Recife, p. 3, 15 abr. 1941.

67 COMO SERÁ comemorado o “Dia do Trabalho” nesta capital. **Jornal Pequeno**, Recife, p. 1, 24 abr. 1945.

68 TEVES, frei Matias. **Entre os mocambos do Recife**. Salvador: Ed. Mensageiros da Fé, 1946. p. 122.

O resultado da atuação de frei Casimiro junto aos operários do Recife foi uma transformação na paisagem do bairro no qual trabalhava. Apesar de ser uma mudança desigual e excludente, uma vez que, entre 1940 e 1944, 10.297 casebres foram demolidos, e no mesmo período, apenas 4.531 casas populares foram construídas, era a tentativa de uma transformação espacial, mas também moral desse território. A sofisticada máquina de atuação da Igreja Católica no território se dava de maneira muito distinta e, às vezes, atuando de maneira radical. Talvez não tenha sido gratuito que a memória de frei Casimiro tenha sido agenciada no momento posterior à sua morte como travestida de santidade. Uma pessoa chamada Maria Celeste escreveu à revista *Maria*, no mesmo ano da morte do frade, uma “grande graça alcançada por intercessão de frei Casimiro, com a promessa de publicá-la nesta revista”.⁶⁹ Quatro anos depois, outra pessoa escreveu ao mesmo periódico no intuito de agradecer “a duas grandes graças alcançadas”, por intermédio de “N. S. de Fátima, Sto. Antônio, Frei Casimiro”.⁷⁰ Ou mesmo no artigo escrito por Gilberto Freyre, no centenário de nascimento do frade, chamando-o de “talvez santo”, atribuindo características caras ao fundador da Ordem dos Frades Menores.⁷¹ Entre a religião, a política e as religiosidades habita uma história complexa e de inúmeros personagens, que as contam de distintas maneiras.

Considerações finais

O PERCURSO REALIZADO até aqui procurou mostrar que os mundos do trabalho eram uma preocupação constante por parte das autoridades eclesiais. No entanto, os mecanismos para estabelecer essas relações atravessavam a mobilização política nos moldes mais tradicionais e revelam processos de cooptação por meio das sociabilidades da família operária. A construção de uma atuação sistemática, que vem do Vaticano e chega aos mocambos do Recife, tem sua penetração nos territórios.

Ao associarmos um crescimento material no número de igrejas, a obrigatoriedade na fundação das associações pias, além do também crescente número de paróquias no mesmo período, é possível perceber um processo, por um lado, de inserção social em direção às áreas periféricas, onde moravam majoritariamente trabalhadoras e trabalhadores. Por outro, constituía a capilarização dessa instituição como um ator político relevante. Na própria eleição de 1933, a constante disputa pelo voto católico na imprensa deixava explícito que esses eleitores não eram uma massa amorfa, mas tinham diversidade e representatividade suficientes para uma disputa dos seus votos.⁷²

69 GRAÇAS. *Maria* (PE), ano 32, n. 373, p. 26, dez. 1944.

70 GRAÇAS. *Maria* (PE), ano 37, n. 5, p. 33, maio 1948.

71 FREYRE, Gilberto. Um franciscano talvez santo. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4, 10 mar. 1968.

72 O QUE quer o eleitor católico. *Diário da Manhã*, Recife, p. 2, 11 fev. 1933. CONTRA os princípios da Igreja. *Diário da Manhã*, Recife, p. 1, 28 abr. 1933. QUANDO o perrepsismo [...] está cortejando os votos católicos. *Diário da Manhã*, Recife, p. 7, 28 abr. 1933.

Nesses termos, pontuo a importância de direcionar os olhares dos estudos em história da Igreja Católica e suas conexões com os mundos do trabalho, sobretudo no momento posterior à Proclamação da República, para a *dimensão paroquial*, onde os projetos emanados do Vaticano, traduzidos na pelas dioceses e arquidioceses, são implementados, apropriados e operados dentro de uma estrutura administrativa que está, sem dúvida, em contato direto com os fiéis. Essa leitura possibilita a compreensão de um duplo processo que Paula Montero e Lilian Sales apontaram em artigo recente. Ao refletirem sobre o “processo de laicização”, argumentaram que, “apesar das medidas legais historicamente tomadas para aumentar a laicidade do Estado brasileiro, a religião católica e, mais recentemente, a religião em geral, não perderam totalmente sua influência moral-política”.⁷³ Assim, acredito que um mergulho sistemático nas documentações paroquiais, com o intuito de compreender os mecanismos de participação social subjacentes a essas relações, pode ser um percurso fundamental e ainda não explorado historiograficamente, que pode trazer informações valiosas sobre a capilarização de princípios sociais até hoje presentes nas referências morais e políticas.

Recebido: 22/04/2024

Aprovado: 27/06/2024

73 MONTERO, Paula; SALES, Lilian. Laity and Secularism in Contemporary Brazilian Pluralism. **Novos Estudos Cebrap**, v. 39, maio-ago. 2020.